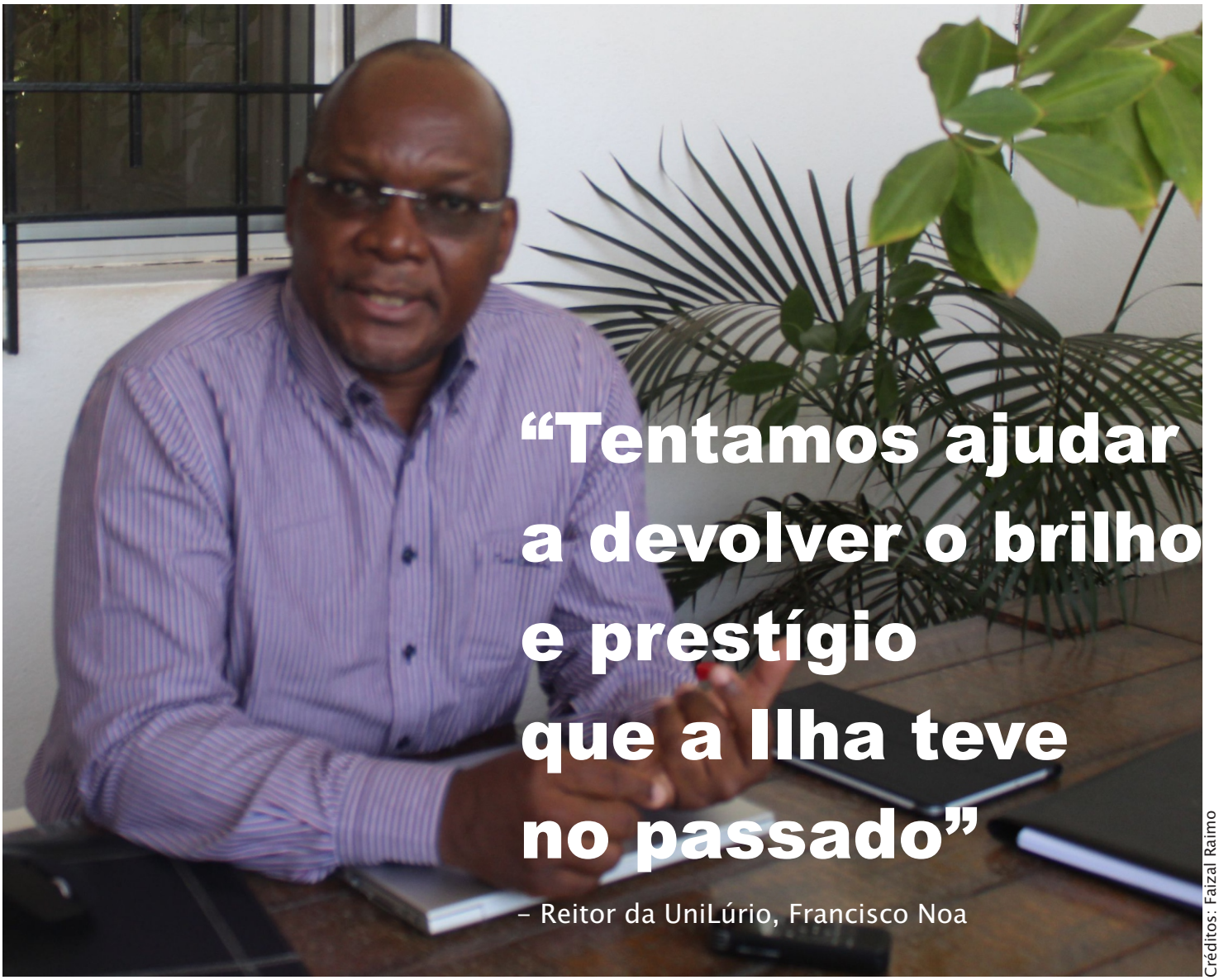
O Macuthi
Boletim Informativo da FCSH

FCSH
Fazendo a Diferença

Edição N. 02- Ano:0 | Ilha de Moçambique, Maio de 2020 | Distribuição gratuita | Editor: Faizal Ibramugy Abdul Raimo

Ficha técnica: Propriedade: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Lúrio | Director: Wilson Profírio Nicaquela
Revisão: Albino Oreste Muatuca e Beatriz Chalucuane | Redação: Faizal Ibramugy Abdul Raimo | Fotografias: Cefo Assimilado | Maquetização: FCSH
Ilha de Moçambique | Rua: Pedro Álvares | Bairro: Museu | E-mail: fraimo@unilurio.ac.mz

Com a implantação da FCSH



"Tentamos ajudar a devolver o brilho e prestígio que a Ilha teve no passado"

– Reitor da UniLúrio, Francisco Noa

Créditos: Faizal Raimo

Em 2017, no meio da crise económica, caracterizada pela redução drástica dos orçamentos institucionais, a Universidade Lúrio decidiu abrir uma faculdade na Ilha de Moçambique virada para a formação nas áreas sociais e humanas, com o objectivo de contribuir para a mudança de mentalidade das pessoas no sentido de apropriarem-se do conceito de desenvolvimento. Quatro anos depois, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) é tida como um exemplo de superação de crises.

A Universidade teve que usar a sua criatividade, inovação, ousadia e recorrer intensamente à sua jovem equipa para inverter o cenário imposto pela crise, baixando o "S" da crise para transformá-lo em "crie", de criatividade. Este facto resultaria, entre outras iniciativas, não só na abertura da FCSH, no âmbito da diversificação dos cursos oferecidos pela instituição, abraçando igualmente as áreas de ciências sociais e humanidades, como também na abertura, no mesmo ano, de uma outra unidade orgânica, desta feita na cidade de Nampula, a UniLúrio Business School.

É a propósito dos quatro anos da FCSH, que o *OMacuthi* trocou dois dedos de conversa com o Magnífico Reitor da

Créditos: Cefo Assimilado

Francisco Noa troca impressões com o Director da FCS

UniLúrio, o Professor Doutor Francisco Noa. Nesta entrevista, Francisco Noa diz que a FCSH catapultou a Ilha de Moçambique para um nível alto, tentando devolver o brilho e prestígio que a ilha teve no passado. Não é só por isso que a sua avaliação é muito positiva. É que para o Reitor, a Ilha de Moçambique começou a ter uma outra visibilidade, dinamismo e outro tipo de visitantes, sobretudo da área académica, trazidos e atraídos pela faculdade, bem como pelas iniciativas, em geral, da Universidade Lúrio.

A entrevista foi conduzida por Faizal Raimo.

Omacuthi (**OM**): **A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Lúrio, na Ilha de Moçambique, completa, este ano, quatros anos de existência. Magnífico Reitor, para contextualizar o público, quais foram os objectivos que ditaram a instalação da faculdade?**

Francisco Noa (**FN**): Bom, podemos falar em dois principais objectivos. O primeiro é a responsabilidade que a Universidade Lúrio, como qualquer universidade africana, tem em termos de contribuir para o desenvolvimento da nossa sociedade. A ideia do desenvolvimento não deve ser restringida exclusivamente a questões de natureza material e/ou de natureza tecnológica. Há uma dimensão humana e social que deve ter tido em conta, além da questão do próprio conhecimento. Não existe desenvolvimento sem conhecimento, o que acontece é que tradicionalmente os cursos da Universidade Lúrio estavam virados para áreas especificamente técnicas, estou a falar da área de saúde, engenharias, arquitectura e da área da agricultura. Entendemos que a nossa contribuição tinha que ir além dessas questões de natureza técnica que são necessárias, obviamente, e pensamos numa perspectiva social e humana. Foi nesse sentido que em 2016, pensamos que era importante termos uma unidade que pudesse contribuir com conhecimento virado para esta área. Porque, como sabe, estamos na região norte, amais desfavorecida do país, mas com grande potencial. Então, entendemos que daríamos uma grande contribuição se, de facto, nos virássemos para as áreas sociais e humanistas no sentido de contribuir para a mudança de mentalidade. Portanto, esta faculdade teria como grande missão concorrer para um grande impacto na mentalidade das pessoas no sentido de perceberem a importância do desenvolvimento, perceberem e apropriarem-se do conceito de desenvolvimento. Então, esse é, em traços gerais, o primeiro objectivo.

O segundo objectivo, que não se dissocia desse, tem a ver exactamente com o processo de crescimento da Universidade Lúrio. Como sabe, a UniLúrio está localizada nas Províncias de Nampula, Cabo-Delegado e Niassa. Portanto, está em toda a região norte. Nós entendemos que era necessário que a nossa missão fosse o mais relevante e o mais abrangente possível. Para que ela seja relevante, é preciso que a própria universidade responda aos anseios e expectativas da própria sociedade. Então, nós vimos que havia, de facto, muita ansiedade nas pessoas da Ilha, e não só, porque fizemos um estudo de viabilidade em relação às áreas novas, daí que decidimos entrar e investir exactamente na área de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais e, também, na área de Turismo e Hotelaria, tendo em atenção as potencialidades da região.

OM: **Porque a Ilha de Moçambique?**

FN: É verdade que inicialmente houve algumas reservas, compreensíveis, porque como sabe, a Ilha de Moçambique, apesar de toda sua beleza e potencialidade, tem toda uma série de condicionalismos do ponto de vista de infraestruturas e outras condições para que uma faculdade possa funcionar. Nós escolhemos a Ilha, primeiro, por causa do factor histórico, como sabemos, foi a primeira capital de Moçambique e foi até ao séc. XIX, o grande centro cultural, económico e intelectual de Moçambique. De certo modo, ao criar uma faculdade, estávamos a prestar um tributo ao papel histórico que a Ilha teve, mas, ao mesmo tempo, a resgatar todo potencial que tem sob ponto de vista do turismo, sobretudo, do turismo cultural. Entendemos que abrindo um curso de Turismo e Hotelaria, estaríamos a fazer uma contribuição directa. Como nós sabemos, nos últimos anos, a Ilha conheceu um crescimento assinalável do ponto de vista de estâncias turísticas, de fluxo de turistas vindos de várias partes do mundo e havendo uma faculdade, obviamente, isso ia permitir que houvesse maior aproveitamento do conhecimento que a faculdade iria gerar para que esse mesmo turismo tivesse maior sustentabilidade. A Ideia de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais era exactamente para contribuir, não só na Ilha, mas em toda região norte do país, com pessoas formadas com uma perspectiva de desenvolvimento local, mas com uma visão global dos problemas.

OM: **Quatro anos depois, qual é a avaliação que o Magnífico Reitor faz sobre o funcionamento da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na Ilha de Moçambique?**

FN: Confesso que sou suspeito, porque de certo modo, considero-me mentor desta ideia. Devo dizer que quando

apresentamos a ideia, toda a universidade acolheu entusiasticamente. Devo dizer que a avaliação que eu faço é muito positiva, apesar de todos os problemas, de todas as limitações, pois, estar na Ilha, há também um risco de algum isolamento, há risco também de alguma precariedade dadas as condições de infra-estruturas e dos serviços. Fui, por exemplo, várias vezes visitar as condições em que os estudantes vivem e estamos a trabalhar no sentido de melhorar essas condições. Estamos, a propósito, na iminência de assinar um memorando com o Bispo de Nacala, no sentido de fazermos o devido aproveitamento das infra-estruturas que pertencem a Igreja Católica com vista a melhorar as condições de habitabilidade dos nossos estudantes e professores.

Repito que faço uma avaliação positiva, porque a própria comunidade da Ilha de Moçambique é a primeira a manifestar de facto a sua alegria e sua satisfação pela presença da Universidade. Segundo, é pelo trabalho que estamos a fazer. Esse trabalho implica que além de lidarmos diariamente com a comunidade, além de levarmos os nossos conhecimentos para junto das comunidades e participarmos da vida da comunidade, concorrendo para a transformação das sua vidas, temos levado algumas figuras importantes, nacionais e estrangeiras, quer do mundo político, intelectual, quer do mundo científico e económico. A faculdade criou, de certo modo, um movimento na Ilha que se tornou significativo, isto é, começamos a ter outro tipo de visitantes trazidos e atraídos exactamente pela faculdade. Lembro-me que, num espaço de seis meses, depois do início das nossas actividades, em Março de 2017, recebemos a visita de três embaixadores, nomeadamente de Portugal, do Brasil e da Tailândia. Fomos também honrados pela presença do Antigo Presidente, Joaquim Alberto Chissano, que foi dirigir a cerimónia comemorativa dos cem anos de Oliver Tambo, em 2018. Tivemos o Presidente da República, Filipe Jacinto Nyusi, que foi inaugurar o CECROI – Centro de Estudos Culturais e Religiosos do Oceano Índico, no âmbito da celebração dos duzentos anos da Ilha de Moçambique. Na abertura da faculdade, tivemos o Ministro da Cultura e Turismo, na altura, Silva Dunduro, bem como o governador Victor Borges. O antigo Primeiro-Ministro, Mário Machungo foi quem proferiu a primeira aula inaugural da Faculdade. O anterior Ministro da Ciência e Tecnologia, Ensino Técnico e Profissional, Jorge Nhambiu, foi quem inaugurou, em 2019, a nossa Biblioteca Osuela. Temos tido uma série de figuras, quer do mundo político, quer do mundo económico. Tivemos também uma doação de cerca de trinta computadores da Vodacom. Também temos recebido muitas figuras do mundo académico de nível mundial. Por exemplo, em 2018 realizamos o XV Seminário Internacional sobre a História Indo-Portuguesa em colaboração com a Universidade Nova de Lisboa. Também temos tido visitas de professores de outras universidades, como por exemplo, da Kings College da Inglaterra, Tshwane University of Technology da África de Sul bem como de outras universidades nacionais. O que quero dizer é que a presença da faculdade, além do trabalho do dia-a-dia, obviamente catapultou a Ilha de Moçambique para um patamar exactamente que tem a ver com aquilo que é um dos nossos objectivos que é de devolver o brilho e prestígio que a Ilha teve no passado. Então, essa constatação que não é minha só, digamos, temos tido essa mesma percepção de várias partes do país e do Mundo. Além de mais, o facto de estarmos a realizar uma série de actividades, como conferências e seminários, faz com que a Ilha de Moçambique tenha uma outra visibilidade, portanto, aparecemos muitas vezes na comunicação social não só, mesmo nas redes sociais a divulgar as coisas que nós estamos a realizar. Neste momento, estamos a preparar a primeira fornada de graduados, quer na área de turismo e hotelaria, quer na área de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais que vai ser um enorme contributo, em termos de mão de obra qualificada, para a região e para o país.

OM: **A FCSH foi instalada na Ilha de Moçambique numa altura em que o país atravessava a crise económica. Sr. Reitor, como é que a UniLúrio conseguiu desafiar a crise e criar uma nova unidade orgânica?**

FN: A Universidade Lúrio está a construir uma marca. Essa marca tem a ver sobretudo com o inconformismo e uma capacidade de superação, porque, o que nós fazemos é fazer das crises, uma oportunidade. Foi o que fizemos em 2017 e em todos estes anos. Nós começamos a preparar tudo isto em 2016, quando praticamente rebentou a crise económica e financeira que fez com que país fosse privado dos apoios de que normalmente beneficiava, os nossos orçamentos foram baixando drasticamente, foi o momento em que a maior parte das instituições se retraíram, mas nós na Universidade Lúrio decidimos inverter, porque entendemos que era necessário baixar o "S" da crise para transformá-lo em criatividade. Então a criatividade, aliada a inovação, ousadia e, sobretudo, pelo facto de termos uma

Créditos: Cefo Assimilado

Francisco Noa ao lado de Jorge Nhambiu, durante a inauguração da Bibliotaca Osuela

equipa jovem, ajudou-nos bastante. Os desafios foram todos assumidos e fizemos grandes transformações Em 2017 abrimos duas novas unidades orgânicas, não só a FCSH, mas também a Business School, aqui na cidade de Nampula. Começamos a diversificar os nossos cursos, passando de 18 para os 37, que hoje temos, em toda a universidade. Aumentamos o número dos nossos estudantes. Em 2015-2016, nós tínhamos cerca de dois mil estudantes, hoje estamos a caminhar para os cinco mil estudantes. Portanto, há uma série de iniciativas que lançamos em 2017 que funcionaram muito bem, no sentido de que com as limitações que nós tínhamos conseguimos de facto sacudir o torpor que normalmente a crise provoca, mas para isso a cooperação contou muito. Penso que os nossos parceiros de cooperação, dentro e fora do país, foram decisivos. Eles ficaram sensibilizados pela forma como nós nos colocamos perante a crise, em vez de entrarmos em esquemas depressivos, o que nós fizemos foi de facto levantar a cabeça, criar ideias e gerar projectos. Portanto, não só tivemos o apoio dos nossos parceiros tradicionais, como também alargámos a nossa base de parceiros e que nos permitiu que muito dessas iniciativas se materializassem.

OM: **A que parceiros se refere?**

FN: Por exemplo, focando-nos apenas à FCSH, aproveitamos muito o apoio que nos foi dado pela Universidade Nova de Lisboa e também pela Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, ambas foram importantes no desenho do nosso *curriculum*. Também tivemos o apoio do Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano que nos cedeu as instalações onde funcionamos hoje e que tivemos que reabilitar, pois estavam num estado deplorável. Além do apoio dos nossos parceiros e usamos os nossos próprios recursos, de forma muito criteriosas e focando-nos nas questões essenciais. O outro apoio que foi muito importante foi do Ministério da Cultura e Turismo que nos fez a cedência de parte da Fortaleza. Porque para nós, a única possibilidade de a Fortaleza de São Sebastião tem para estar bem, é ela funcionar. Enquanto ela não funcionar, não vai ter condições de se preservar. Por esse Mundo fora, sobretudo nos países mais desenvolvidos, visitamos universidades e outras instituições, que funcionam em edifícios muito antigos, alguns deles monumentos históricos e culturais, com mais de trezentos, quatrocentos, quinhentos anos, por exemplo, na Inglaterra, Holanda, Espanha, Itália, e que são edifícios muito bem conservados, porque as pessoas usam diariamente. E é o que muitos dos especialistas que temos recebido, na Ilha, nos têm dito. Foi nesta perspectiva que apresentámos ao nosso Governo que era importante que nos cedessem uma grande parte da fortaleza de modo a usarmos os seus compartimentos como salas de aulas, laboratórios, anfiteatros, bibliotecas. Os condicionalismos financeiros que temos tido não permitiram ainda que estivéssemos a funcionar na fortaleza.

Créditos: Cefo Assimilado

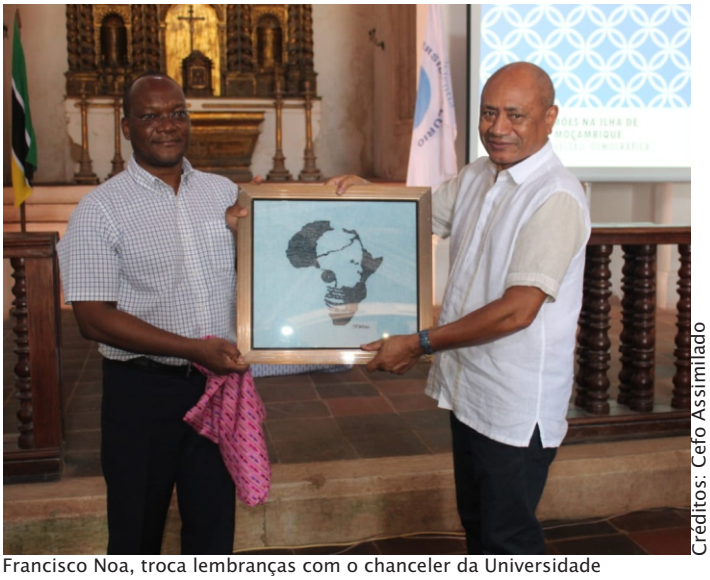
Prof. Abdul Abubakar da Kings College da Inglaterra troca impressões com o Prof. Cristovão da FCSH–Seminário sobre escrita académica

Continuamos a bater as portas.

No ano passado, firmámos um memorando de entendimento com a Universidade de Santiago de Compostela da Espanha, no sentido de, primeiro, nos enviarem técnicos para nos ajudar a fazer avaliação das intervenções que terão que ser feitas na fortaleza. Em segundo lugar, para, conjuntamente, concorrermos aos financiamentos da União Europeia, para ver se de facto finalmente começamos a intervir na fortaleza. É verdade que começamos uma intervenção pequena, onde temos neste momento o CECROI (Centro de Estudos Culturais e Religiosos do Oceano Índico), mas a nossa ideia é reabilitar uma boa parte da fortaleza para as aulas funcionarem. Ali é que vai ser de facto o coração da nossa faculdade e nós acreditamos que quando transformarmos a Fortaleza de São Sebastião num espaço educacional, dinâmico e interactivo, pois vai estar sempre aberto à sociedade, teremos dado um passo substancial para a valorização e preservação deste património mundial. Vai ser um verdadeiro centro de estudo, de cultura, de atracção turística, e obviamente com muita vida, com realização regular de conferências, exposições, concertos, etc. Penso que o governo entendeu essa mensagem, foi por isso que o próprio Chefe de Estado fez questão de ir à inauguração do CECROI, em 2018, dentro da fortaleza.

OM: **O Magnífico Reitor falou da melhoria de condições de habitação espara tudantes e professores. O que se pretende com o memorando com a Diocese de Nacala?**

FN: O que acontece é que esses estudantes estão em instalações a que eles chamam de repúblicas. São instalações que pertencem à igreja e nós não podemos intervir sem que exista uma formalidade de cedência e que nos protejam tendo em atenção as intervenções que queremos lá realizar. Então, nas negociações que foram feitas com o bispo de Nacala, conseguimos este entendimento que só precisa ser formalizado, no sentido de podemos fazer investimentos, sem receios em relação ao futuro, e vamos



Créditos: Cefo Assimilado

Francisco Noa, troca lembranças com o chanceler da Universidade Politécnica – exposição sobre 201 anos da Ilha de Moçambique

criar melhores condições de habitabilidade para os nossos estudantes. Neste momento, aquelas instalações estão muito degradadas, temos consciência disso e não descansaremos enquanto esta situação não for resolvida.

Além do mais, temos um espaço que nos foi cedido pelo Conselho Autárquico, do lado do continente. Esse espaço precisa ainda de alguma regularização, porque é preciso indemnizar as pessoas, etc. A nossa ideia é aproveitarmos esse espaço para também criar espaços habitacionais quer para os estudantes, quer para os professores e outros funcionários. A faculdade cresceu, começamos com 120 estudantes, hoje estamos com cerca de 460, o que significa que continuaremos a crescer nos próximos anos e, além de queremos as condições da nossa comunidade universitária, na Ilha de Moçambique, iremos fazer um esforço no sentido de evitar colocar uma grande pressão à Ilha. É uma questão importantíssima e uma espécie de ponto de honra, para nós, temos de criar condições alternativas no continente, neste caso, em Lumbo.

OM: **Quais sãos os outros desafios que se impõem à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na Ilha de Moçambique?**

FN: Um dos grandes desafios que nós temos é o da elevação da qualidade. Por termos, uma equipa muito jovem, o desafio torna-se maior, mas gratificante. Por exemplo, na faculdade, devemos ter, neste momento, um ou dois doutorados, não mais do que isso. Temos que inverter esta situação, já temos algumas pessoas que enviamos para fora do país para se formarem. Então é preciso elevar a qualidade formativa dos nossos docentes. Temos que ter a maior parte dos nossos docentes, acima dos 70%, nos próximos 4 e 5 anos com grau de mestrado e doutoramento. Com isso procuraremos garantir a qualidade do ensino, bem como da pesquisa científica. Este é um desafio que implica a qualidade dos meios de trabalho. Temos que ter também a qualidade dos meios tecnológicos, de programas, uma melhor qualidade de internet, que, como sabemos, é um grande drama, no Norte do país. A situação de emergência crida pelo da Covid-19 veio mostrar a necessidade de acelerarmos a aposta no ensino *online*. Temos que trabalhar no sentido de ter cozinhas, por causa do curso de Hotelaria e Turismo, termos ambientes reais dentro da faculdade que sejam réplica daquilo que acontece na realidade, no mercado de trabalho. O que nós queremos é que quando nossos estudantes terminarem o curso, sobretudo, estudantes de Hotelaria e Turismo, estejam preparados para facilmente mergulharem no ambiente de trabalho. Temos que melhorar também a nossa capacidade de pesquisa. Temos que ter uma classe de pesquisadores na Universidade Lúrio, particularmente na Ilha de Moçambique. Quando criámos o CECROI, era exactamente para termos ali um espaço de produção do conhecimento que tivesse a ver com a importância cultural e religiosa que o Oceano Índico tem. O Oceano Índico, obviamente, não só inclui África, todas aquelas ilhas, Madagáscar, Zanzibar, Seicheles, Comores e Maurícias, mas também o Golfo Arábico e a Índia. As ilhas, como sabemos, têm uma forte ligação histórica entre elas. É preciso resgatar toda essa história, isso vai nos permitir perceber alguns fenómenos que acontecem nos nossos dias. É importante que a pesquisa seja uma das linhas matriciais do funcionamento da faculdade. Outra coisa muito importante é a nossa ligação com as comunidades e com o mercado de trabalho.

Tenho defendido que nós temos que nos instalar no *Macuthi*. Temos de trazer o *Macuthi* para dentro da universidade. Como todos sabem, a Ilha esteve sempre dividida, tem uma zona que é considerada mais nobre, que é a cidade de pedra e cal, e a zona de *Macuthi,* que é considerada, de forma subalterna, suburbana e nós temos que inverter isso, concorrendo para o equilíbrio dos dois territórios. A forma que pode permitir de forma constante e gradual que o *Macuth*i ganhe o espaço que merece é através do conhecimento. Temos que trabalhar bastante com esta comunidade, para a sua dignificação e elevação. Temos feito muito trabalho, nesse sentido, mas é preciso fazer muito mais.

Aumentar a capacidade de solução de problemas de próprias pessoas nas áreas que elas se encontram, temos que ajudá-las por exemplo, numa questão muito sensível que é o planeamento familiar. Nós vemos, às vezes, crianças desnutridas e sem a atenção devida, pois temos um problema grave que é o de casamentos prematuros e da gravidez precoce, aqui na província de Nampula. Sendo a Ilha, o espaço que é, então há muito contributo que a faculdade pode dar em relação a todas estas situações, com estudos e intervenção junto das comunidades. Como sabem, temos levado a cabo jornadas de limpeza das praias, educando as pessoas a torna-las mais limpas e atractivas apropriando-se do conceito de turismo, do turismo participativo, do turismo comunitário e sustentável. A faculdade poderá ter papel fundamental em que aquelas comunidades vão

sentir-se fazendo realmente parte do processo do seu desenvolvimento sócio-económico.

OM: **Ao nível da comunidade da Ilha de Moçambique, há ansiedade de ver aumentados os cursos na FCSH, fala-se de Antropologia e Arqueologia. Magnífico Reitor, esta pretensão encontrará algum enquadramento nos planos da universidade?**

FN: Tem a ver com os desafios do crescimento da faculdade que me colocou anteriormente. A faculdade vai ter que crescer, é por isso que temos vindo a perspectivar também a nossa presença no continente, no Lumbo, mas concretamente. A faculdade vai ter que crescer em termos daquilo que deve oferecer, em termos de cursos. É verdades que além dos cursos de licenciaturas, nós já oferecemos cursos extra-curriculares, como um pós-graduado de 9 meses na área de gestão turística, que foi aberto a pessoas interessadas da indústria hoteleira, na Ilha. Temos também trabalhado com a formação de guias turísticos. É nossa perspectiva aumentar o número deste segmento de cursos.

Em relação aos cursos regulares que gostaríamos de oferecer, a nível da licenciatura, um dos cursos que nós estamos a pensar abrir muito futuramente é o curso de Comunicação e Mídia. Nós entendemos que a região norte precisa de profissionais competentes e bem preparados na área de Comunicação e Multimédia, por todas as potencialidades que aqui existem. Como nós sabemos, existem muitos projectos a serem desenvolvidos no norte, projectos ligados à agricultura, ao turismo e à indústria de petróleo e gás. É preciso pensar estrategicamente em preparar pessoas ligadas a estas tecnologias de informação e comunicação e que possam não só integrar-se nestes projectos, mas também de fazer a divulgação de todo o potencial que a região norte possui. Estamos a trabalhar com o Instituto Politécnico de Lisboa, mas também com a Universidade Santiago de Compostela para montarmos um curso de Comunicação e Mídia.

OM: **Para quando o arranque do curso, Magnífico?**

FN: A nossa ideia é que fosse no próximo ano, mas devido a esta turbulência pandémica, em que todos os cronogramas foram alterados, tenho sérios problemas que consigamos abrir no próximo ano. Porque um curso de Comunicação e Mídia, não é só pensar em recursos humanos, é preciso pensar em equipamento. Significa que toda a expectativa, possibilidade que tínhamos começado a negociar para conseguir montar os programas e adquirir os equipamentos, tornou-se inviável. A pandemia de Covid-19 está a criar, como sabemos, uma grave crise económica e financeira. Portanto, apesar do inconformismo, estamos numa situação em que os países e instituições que sempre foram nossos parceiros, que nos ajudaram em alturas críticas, hoje também estão em crise.

Quanto ao curso de Arqueologia e Antropologia, no plano inicial, estava também contemplado. Portanto tínhamos esses quatro cursos previstos, incluindo os dois que já estão a funcionar, desde 2017. Por uma questão de realismo, arrancámos com o de Turismo e Hotelaria e o De Desenvolvimento Local e Relações Internacionais, porque se fôssemos a abrir tudo ao mesmo tempo, teríamos problemas de qualidade e até de sustentabilidade. Então, a nossa ideia foi de seguirmos uma lógica mais gradual e realística. Tínhamos pensado abrir o curso de Comunicação e Mídia em 2020, mas não foi possível. Agora, estamos a perspectivar para 2021, também não vai ser possível, dadas as circunstâncias. O outro curso em perspectiva é de Antropologia e Arqueologia, nós estamos na dúvida se chamar-se-á Antropologia e Arqueologia ou Património e Desenvolvimento. Estamos a tentar ver qual será a melhor denominação e o que efectivamente pretendemos com o curso, dada a suma importância. A ideia é que seja explorada não só a riqueza cultural, mas também a riqueza marítima que a ilha possui. Nós sabemos que muitos equipamentos, barcos, objectos de valor incalculável submersos. É verdade que a Universidade Eduardo Mondlane já tem desenvolvido algumas pesquisas, nesse sentido, mas nós pensamos que poderíamos trazer um valor acres-

Créditos: Cefo Assimilado

Família FCSH – tomada de posse do novo corpo directivo

centado na exploração de todas essas riquezas materiais e imateriais que existem. Sabemos todos que existe, por identificar, estudar e explorar toda uma riqueza antropológica não só na Ilha de Moçambique, mas também em toda região norte do país. Nós seríamos uma unidade que iria oferecer uma área de conhecimento que é absolutamente fundamental para o país e para o desenvolvimento do conhecimento.

Finalmente, gostaria de, uma vez mais, deixar uma palavra de apreço e de reconhecimento a todas as instituições e entidades, de modo muito particular, as locais, como sejam a Administração da Ilha, o Conselho Municipal, o GACIM, o Museu, a Associação os Amigos da Ilha de Moçambique, as instâncias hoteleiras e turísticas e à toda a comunidade da Ilha que têm concorrido para o triunfo deste projecto. Agradecimento e um forte incentivo que também vão para a nossa jovem equipa de directores, docentes, estudantes e funcionários que tudo têm feito para materializar, com distinção, os objectivos para os quais esta faculdade foi criada.

Ligação FCSH e Comunidade

Estudantes concebem e implementam projectos de intervenção social

No âmbito da ligação entre a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Lúrio na Ilha de Moçambique e a comunidade local, um total de doze projectos, todos virados para o desenvolvimento local, foram desenhados e implementados, com o objectivo de contribuir na solução dos problemas que enfermam a população daquele distrito.

Os projectos foram desenhados tendo em atenção o diagnóstico participativo feito pelos estudantes do curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais. A FCSH tem estado a incentivar os seus estudantes, no sentido de cada vez mais se envolverem na concepção de ideias que visem solucionar problemas locais. “É por isso que esses projectos surgiram no âmbito das aulas práticas da cadeira de Laboratório de Estudos de Sociedade II”, disse o Director Adjunto Pedagógico da FCSH, Jóssimo Calavete.

Para ele, a implementação dos projectos foi um sucesso, uma vez que permitiu que os estudantes praticassem uma das dimensões da sua futura profissão, o de "agentes de desenvolvimento". Outro aspecto positivo foi o reconhecimento da comunidade local ao acolher as iniciativas com enorme expectativa.

Estudante no acto de colocação de iluminação no Jardim do Makhalelo Othuto

Desnutrição e planeamento familiar

Pensando na desnutrição no período de gravidez e insuficiência de conhecimento sobre o planeamento familiar, “Os estudantes ensinaram as mulheres a se prevenirem de gravidezes consecutivas e a se alimentarem de forma adequada durante o período de gravidez”, explicou Calavete, acrescendo que para a concretização do projecto, os estudantes contaram com a parceria da PathFinder, baseada na Ilha de Moçambique, do Centro de Saúde local e também com a colaboração de uma voluntária norte-americana do Corpo da Paz e da Rádio Local.

Saúde escolar

Nesta componente “tivemos dois projectos, um implementado na Escola Secundária da Ilha, que visava sensibilizar os alunos sobre a necessidade de cuidarem da higiene colectiva. O outro, foi desenhado para combater a deterioração dos sanitários da Escola Primária do Primeiro Nível de Sanculo”, disse o nosso entrevistado. Os estudantes ensinaram aos alunos e a comunidade em redor da escola sobre a importância da higiene nos sanitários da escola e no meio ambiente em geral. Para a concretização do projecto, os estudantes recorreram ao apoio da empresa de construção Zainal Construções, a Direcção Distrital de Saúde, bem como o Instituto Médio Politécnico.

Aprender a ler

Neste projecto, os estudantes do Curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais pensaram em colmatar as dificuldades de leitura e escrita por parte dos alunos da 6ª e 7ªclasses da Escola Primária e Completa 16 de Junho. Jóssimo Calavete disse que por um período de quatro meses os estudantes interagiram com os alunos com necessidades especiais na leitura e transmitiram o conhecimento necessário para a evolução destes. A actividade contou com auto-financiamento e correu em três fases, estando uma relacionada às vantagens da leitura e escrita transmitidas em forma de teatro, a segunda envolveu uma palestra sobre a importância da educação escolar (formal) para o desenvolvimento humano e do país, e a última foi a explicação dos alunos que se encontravam com necessidades urgentes de leitura e escrita, através de aulas que eram ministradas na escola em causa.

Escola e família

Com o projecto "Escola e família como parceiros na educação das crianças", os estudantes sensibilizaram as famílias dos alunos da Escola 25 de Junho, na Ilha de Moçambique, a se envolverem no processo de ensino dos seus filhos, bem como a participarem nas actividades da escola de forma activa.

Estudantes em sessão de limpeza na Escola Secundária da Ilha de Moçambique

Importância do pagamento dos impostos

Os estudantes desenharam o projecto sobre o pagamento de impostos no seio da comunidade para disseminarem informações relevantes, consciencializando-as sobre a importância que representa o cumprimento das obrigações através da prática em causa. "Este projecto foi desenvolvido com forte apoio da Autoridade Tributária, a nível local, tendo os estudantes interagido através de encontros e palestras com funcionários de instituições públicas e privadas, bem como funcionários das organizações da sociedade civil baseadas na Ilha de Moçambique", disse Jóssimo Calavete, para quem os estudantes deixaram passar uma mensagem pertinente sobre o assunto.

Reabilitação do Jardim Makhalelo Othuto

A reabilitação do Jardim do Makhalelo Othuto, que se localiza em frente do Museu da Ilha, consistiu essencialmente na reposição da iluminação com vista a reduzir a escuridão durante a noite. Para a concretização do projecto, os estudantes contaram com o apoio da Electricidade de Moçambique e do Conselho Autárquico da Ilha de Moçambique.

Praias e o meio ambiente

O Projecto "Praias arborizadas, mais conforto ambiental", segundo nos foi revelado, tinha em vista resolver a escassez de árvores/plantas à volta da praia/costa que rodeia a Ilha de Moçambique. Por isso, com fundos próprios, os estudantes adquiriram 250 plantas, que neste momento são monitoradas com ajuda da população local que foi envolvida igualmente no processo de plantio.

Raparigas na Escola

O projecto "Raparigas na Escola" com foco na Escola Primária e Completa de Jembesse, estava virado para a consciencialização das raparigas sobre a importância da escola, fazendo, deste modo, que as raparigas não desistissem na fase em que elas podem aproveitar melhor os estudos. Os estudantes contaram com a colaboração da própria escola.

Estudantes ensinam a ler na EPC 16 de Junho da Ilha de Moçambique

O Director Adjunto Pedagógico diz que com implementação dos projectos dos estudantes, a FCSH saiu fortalecida na medida em que essas actividades permitiram a concretização de um dos fins da instituição, o da "extensão universitária", através da qual se tem focado na Ilha como um gran-de vector de desenvolvimento. "Destacamos também o alargamento da rede de parceiros que passaram a apoiar as causas sociais da faculdade", finalizou Calavete.

Créditos: Cefo Assimilado

Limpeza de praia – Projecto Coastnap Ilha de Moçambique

A verdadeira (cara)cteristica da (des)União Africana em tempos de crise!

Por: Lucas Mabunda*

No dia 25 de Maio deste ano, comemoramos mais um aniversário da fundação da União Africana. É o dia da liberdade de África, ou seja, dia da libertação de África, que só faz sentido no papel, pois a realidade tem mostrado outra (cara)cteristica dessa Organização. A exploração colonial, a violação dos nossos direitos, da nossa dignidade e da nossa cultura, constituíram fundamentos para o início da luta armada pela libertação dos povos. Em vários países africanos foram criados movimentos de libertação com o propósito de confrontar o homem branco, em alguns países, como Moçambique, transformou-se numa luta áspera e muito sangrenta. Algumas destas lutas passaram para a história e, outras hibernaram, passando por uma série de metamorfoses, na linguagem de Edigar Morin (2009). Isso não surpreende a ninguém, quase todos sabemos.

Entretanto, hoje o continente e o mundo estão a enfrentar outras guerras, cujos alvos não têm origem geográfica. A primeira foi o terrorismo que assola todo **o** continente, onde Moçambique é um dos campos de acção. Depois, segue esta catástrofe (Covid-19). Uma guerra bem diferente daquela que tornou a África liberta da subjugação declarada. Nessa, tínhamos um inimigo visível, o homem branco.Hoje, temos um inimigo invisível, o corona vírus. Por conta desta adversidade, a economia mundial está parada, há encerramentos de fábricas quase todos os dias e, por consequência, as pessoas perdendo emprego.

Naturalmente, este vírus é perigoso. Embora a África registe aparentemente poucos casos, pode vir a ser um dos continentes com maior prejuízo, dado a dependência aos países desenvolvidos, que estão severamente afectados por esta crise.

Até ao momento, o Covid-19 não tem cura. Por outras palavras, não existe vacina nem medicamento antiviral específico para prevenir ou tratar o Covid-19, o que despertou, mais uma vez, a atenção de alguns "nacionalistas" na busca de soluções para a nossa "liberdade científica". No meio de tantas infecções, mortes, paralisação da nossa economia, "atreveu-se" um país membro da África Austral, na voz do seu presidente, Andry Rajoelina, com uma suposta tentativa para "independência" científica de África em relação à medicina o acidental, tendo apresentado o chá na base de ervas designado de "covid organic".

Foi uma notícia que deixou todos nós felizes, abraçamo-nos (violando as medidas de prevenção), saltitamos, dançamos, todaa África saudou efusivamente essa notícia. Para nós, muito mais que a descoberta de uma cura, era um país africano dando a solução para o mundo, era a África reafirmando-se na geopolítica mundial, era a ciência africana em ascensão. Facto curioso foi a recusa da OMS, advertindo o seu não uso pelo facto de não ter seguido com o rigor científico, e o mais alarmante ainda foi o silêncio dos estados africanos perante esse dilema.

A (des)união africana perdeu a única oportunidade de criar medidas que espelhem a realidade da maioria dos seus membros. A (des)União africana perdeu a oportunidade de resgatar a confiança que tinha dos africanos e reinventar os propósitos da sua criação. A (des)União africana perdeu a única oportunidade de criar uma comissão científica de verificação do rigor científico do chá malgaxe e defender a sua posição na geopolítica mundial. A (des)União Africana perdeu a única oportunidade de mostrar ao mundo que a medicina africana também pode salvar o mundo! A união africana ficou sem norte após a morte dos seus fundadores. E se perguntar não ofende, será que comprovamos o rigor científico das armas que usamos para a nossa "liberdade política"?

* Estdante do 2º ano do curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais

Sem comentários

Errata

No editorial incorporado na edição número 1 do Boletim *O Macuthi*, lançado em Abril de 2020, escrevemos erradamente "Ricardo Baratas", quando citávamos uma passagem da obra intitulada Ilha de Moçambique: Estórias da sua história. Na verdade, a obra é de autoria de Ricardo Barradas. Pelos transtornos causados, apresentamos aos nossos estimados leitores e a família do Dr. Ricardo Barradas, as nossas desculpas.

Ilha de Moçambique: como manter para evitar perder a atractividade?

Por: Faizal Ibramugy

Desde os tempos de ontem, a Ilha de Moçambique sempre teve capacidade de ser atractiva, trazendo até si não apenas moçambicanos, como também cidadãos de outros quadrantes do mundo que procuram conhecer locais lindos e históricos. A Ilha de Moçambique foi a primeira capital moçambicana, como também o local onde chegaram e se estabeleceram os primeiros portugueses. Ela guarda grandes riquezas culturais e arquitectónicas.

Com a conservação inadequada de parte do seu património, que constituí uma das suas atractivas belezas, foi então que me apareceu a questão: Ilha de Moçambique: entre manter e perder atractividade, o que é mais viável? A resposta depende muito daquilo que se deve fazer. É uma escolha entre manter o seu património saudável, o que passa pelo reforço do senso de identidade para proteger e preservar os bens mediante actividades que visem a manutenção dos edifícios em ruína, conferindo uma adequada e melhor conservação para as gerações futuras e/ou simplesmente deixar a ilha a perder a sua atractividade, que passa simplesmente por cruzar os braços e nada mais fazer.

É preciso perceber que o património da Ilha de Moçambique não se subscreve apenas aos edifícios governamentais e/ou outros, cujos proprietários são organizações, como são os casos do Museu, da Residência dos Governadores, do Presidente do Conselho Autárquico, do Administrador do Distrito, do Primeiro Tribunal.

O património da Ilha é além da Primeira Igreja, da Fortaleza, da Primeira Mesquita e do Primeiro hospital. Se hoje é visível a degradação acentuada do primeiro hospital, que exemplo as autoridades competentes estariam a transmitir ao cidadão comum que possui uma ruína? O governo tem estado a investir fortemente em manter os seus edifícios, mas julgo ser ainda necessário que se invista muito, não só em valores monetários, como também em ideias que possam trazer aos ilhéus à razão da coisa, para que, ao nível individual (aqueles que possuem as suas casas) procurem reabilitar as suas infra-estruturas ou património. Quando se fala de património, "o sentido evocado é o da permanência do passado, a necessidade de resguardar algo significativo no campo das identidades, do desaparecimento", (Maria Ferreira, 2006).

Em 1991, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) colocou a Ilha de Moçambique na Lista de Património Mundial. Segundo esta organização, "a Lista do Património Mundial é um legado de monumentos e locais de grande riqueza natural e cultural que pertencem a toda a humanidade".

Os sítios inscritos na Lista do Património Mundial cumprem a função de marcos do planeta, de símbolos da consciência de Estados e povos sobre o significado desses lugares e emblemas do seu apego à propriedade colectiva, bem como da transmissão desse património para as gerações futuras. Só que, com a consagração da Ilha de Moçambique a este estatuto, maior parte, se não todos os residentes, passaram a perceber a situação no seu sentido inverso. Muitas pessoas continuam pensando que o estatuto conferido à Ilha de Moçambique significa que o Estado e/ou a UNESCO passa a cuidar da conservação do património. É aqui que chamo a atenção ao governo, no sentido de investir mais, não apenas em valores monetários, como também em ideias para que a população passe a fazer a sua parte no que tange à conservação e salvaguarda do património, pois o seu silêncio está causando danos à memória e identidade histórica que conserva certas informações para que o passado não seja completamente esquecido. "A importância da preservação do património histórico pode ser associada à memória colectiva e individual, pois é através da memória que nos orientamos para compreender o passado, o comportamento de um determinado grupo social, cidade e nação" (Pedro Funari, 2009). Ora, não podemos compreender melhor esse passado, se apenas o esforço continuar a ser exercido por uma única força. Refiro-me ao governo que, apesar de manter os seus edifícios vivos, alguns edifícios continuam em total abandono, como é o caso do edifício do Primeiro Hospital de Moçambique.

O Primeiro Hospital seria o melhor no país, mas, na realidade precisa de mais atenção, ele encontra-se em ruína, apesar de pequenas reabilitações que nunca atingem o seu frontal. Durante os 200 anos da Ilha, as autoridades municipais lançaram um apelo aos proprietários de edifícios abandonados no sentido de apostarem na sua recuperação, por se considerar que eles carregam toda uma identidade histórica. Entendo que este apelo visava chamar atenção para o silêncio que se verifica na recuperação dos edifícios que compõem o património da nossa Ilha de Moçambique. Desde essa ocasião, passa algum tempo sem que alguma acção visível seja realizada. Por isso, neste momento, o Estado devia pensar em outras acções de carácter executivo, como, por exemplo, o desencadeamento do processo de expropriação daquelas ruínas para dar lugar às obras de recuperação, mantendo o seu aspecto arquitectónico. Penso que a expropriação por interesse público pode acontecer fundamentando-se, entre outras, a lei de ordenamento do território e a necessidade de manter o património mundial cada vez mais atraente para as gerações futuras. O património histórico da Ilha é de todos, cada um deve cuidá-lo, daí urge a imposição de regras para salvaguardá-lo. Não quero que se perda de vista o que muito foi conservado. A ilha deve continuar a ser o centro e destino turístico com as demais riquezas e histórias para explorar. A Ilha de Moçambique é linda, mas pode deixar de brilhar "num abrir e fechar de olhos", se acções mais fortes não forem levadas a cabo.

Estórias da minha história

Por: Wilson Profírio Nicaquela

Estórias das histórias do meu tempo

Cada um tem o seu tempo, não importa se cronológico, físico ou psicológico. É comum entre os mais velhos, quando pretendem criticar uma atitude ruim sobre os mais novos ou aos menos experimentados, dizerem: "no meu tempo não era assim".

Curiosamente, ninguém ousa indagar ao adulto ou ao "adulto em miniaturas", como dizia Rousseau, em Emílio, que tempo é esse.

Portanto, cresci ouvindo dos meus pais e fui encontrar nos livros do ensino formal estórias relatando histórias de animais que falavam. Fiquei muitas vezes comovido e desenvolvi crenças que, de facto, houve um "tempo que não era assim, e em que os animais falavam".

O bom disso é que ajudou-me a regular as minhas atitudes, pois alguns animais eram dados como rebeldes e desobedientes, daí que o seu comportamento não merecia admiração, nem imitação. Sabia fazer distinção entre o bem e o mal, insultos e elogios, respeito e justiça, bondade e honestidade, veracidade e lealdade, sem ter recebido únicas lições de ÉTICA, nem de Deontologia profissional.

Infelizmente, comecei a secundarizar e, ao mesmo tempo, coisificar os meus pais, quando em Psicologia de Desenvolvimento aprendi que algumas formas de pensamento africanas eram primitivas. Ou seja, passei a criticar a minha mãe, para que deixasse de bater o chão (ajuste de contas com a terra) quando minha irmã ou sobrinha caíssem por tropeço durante os primeiros passos da infância - porque isso é "animismo". Deixei de dar valor ao que aprendi dos meus pais, quando me foi ensinado que nenhum animal falava e que essa forma de pensamento é mágica (ou personificação). Aí, deixei de ser aquele menino bem comportado e passei a ser outra coisa, fiquei "civilizado".

Nesse tempo, muita coisa boa acontecia, mas ela desaparece porque a nossa história, na óptica dos "outros", é transmitida oralmente, sob alegação de não termos o hábito de escrever [não é verdade, a 1ª forma de escrita, o hieróglifo, surgiu em África. As pinturas rupestres são uma forma de escrever. Com efeito, eles, "os outros", inferiorizaram, chamaram de escrita primitiva e a ignoraram].

Neste tempo de confinamento, quarentena, isolamento, distanciamentos [físico, social e psicológico], termos objectivados e ancorados devido ao Covid-19, digo aos meus filhos, que "no meu tempo, para frequentar a 6ª e 7ª classes, tinha-se que se viajar do Posto Administrativo para a sede distrital, ou dum distrito para o outro.

Para se ser professor primário, no mínimo, tinha-se que se saber ler e escrever bem qualquer palavra, inclusive a palavra MAÇAROCA. Devia-se dominar as operações matemáticas, inclusive as formas de divisão VERTICAL. Para se fazer o nível superior, tinha-se que se saber fazer um trabalho dactilografado ou manuscrito, cuja fonte o professor escondia, mas nunca faltavam alternativas para não ter o primeiro número natural na pauta. Para se ter certificado do nível superior, tinha-se que se defender uma monografia ou realizar-se um exame de conclusão de curso. Hoje, basta matricular-se e pagar-se propinas, pode-se ter certificado de Mestrado e dar aulas numa universidade, mesmo antes de se terminar o curso.

Hoje, todo o mundo corre sem precedentes para ter o seu certificado do ensino superior. Os trabalhadores, o fazem para melhorar o salário, mesmo que o seu desempenho esteja a degradar-se a cada dia, semana, mês, trimestre, ou mesmo a cada ano lectivo.

Os desempregados procuram convencer os empregadores que não são indivíduos quaisquer - "também são doutores".

Conto aos meus filhos, no distanciamento social, que ter certificado universitário no meu tempo era oportunidade de emprego, mas, no tempo de Coronavírus, o certificado universitário não difere da carta de condução ou passaporte: tê-los não significa conduzir, nem viajar para o exterior. Falando português "menor", digo: há quem tem certificado e trabalha, mas nunca recorda do que aprendeu na universidade para aplicar em prática. A universidade passou a ser mercantilizada, os jovens deste tempo de confinamento encontraram no Ensino Superior um espaço de Boladas, pois com o certificado de licenciatura, de mestrado ou doutorado podem fazer o "corta-mato".

No próximo número, há mais estórias das histórias do meu tempo...

O Macuthi
Boletim Informativo da FCSH

Caro leitor!
Escreva seu artigo de opinião, nós publicamos
fraimo@unilurio.ac.mz

Pontos de vistas académicos

Por: Maurício Pedro Régulo

A COVID-19 e o Futuro Geopolítico Mundial

O Mundo está doente[1]! Há sensivelmente cinco meses, o mundo era surpreendido com um fenómeno novo que, em tão pouco tempo, teve uma fama imensurável a nível internacional – a Covid-19 ou, simplesmente, o Corona-vírus. Sucede que alguns discursos políticos tendiam a menosprezar o fenómeno, e chegaram mesmo a afirmar que esse era um problema meramente da China[2], e que essas outras sociedades estavam bem preparadas para combater a pandemia. Depois da sua eclosão na China, muitos pontos de vista foram apresentados por diversas personalidades.

Algumas diziam que tratava-se de uma doença criada no laboratório, através da combinação do ADN de Pangolim e Morcego, e outros apontavam que o problema foi um acto intencional da China[3]. Perante o último ponto de vista, uma questão se coloca: *com que finalidade a China iria criar este fenómeno de forma consciente e intencional.* A OMS, organismo da ONU que vela pela saúde, fez o seu papel ao declarar a COVID-19 uma pandemia, a 12 de Março de 2020. Sucede que, enquanto alguns países se negaram às evidências e, a seguir,às sugestões, sobretudo de redução dos contactos sociais, outros decretaram confinamentos, mais ou menos rigorosos e mais ou menos tardios. Primeiramente, a China e a Itália e, em seguida, a Espanha, a França e a Alemanha adoptaram providências semelhantes às sugeridas pela Organização Mundial de Saúde.

Para o nosso caso e outros países da região, foi declarado Estado de Emergência por Decreto Presidencial. Mas, em alguns países, os governos não observaram as mesmas medidas. Por exemplo, na Bielorrússia, o chefe de Estado dizia: *Bebam Vodka que os vírus não vos atingirá.* Na Turquia, o contacto físico continuava através de partidas de futebol, embora à porta fechada. Em cam-peonatos mais competitivos como o da Inglaterra, da Es-panha, de Portugal, da Alemanha e da Holanda, os campeonatos foram imediatamente interrompidos.

Este tipo de atitude revela que não havia sincronização entre os chefes de Estados em torno do problema, pois alguns estadistas não acataram definitivamente as chamadas de atenção feitas pela OMS. Daí que nós concluímos que o alerta do Director-geral da Organização Mundial da Saúde foi ignorado, julgando-se que a COVID-19 era um mal menor ou era um problema meramente da China.

A lição que se pode tirar deste fenómeno é que houve muita solidariedade entre as nações. Mesmo a Rússia que perdeu o seu lugar cativo nos G-8 passou de um vilão a herói. A China, "mentora" do fenómeno tem vindo a enviar toneladas e toneladas de material médico-cirúrgico aos países onde o comunismo não tem lugar. Cuba sacrificou os seus cidadãos (médicos) para socorrer o mundo. Seria mera coincidência? A ver vamos. Sem dúvidas, a Pandemia da COVID-19 foi uma das crises que mais consequências trouxe ao nível global e poderá mudar o mundo devido às grandes repercussões que ela provocou. Considerando a dinâmica do poder e as tendências em curso, é possível prospectar linhas geoestratégicas na Geopolítica Mundial.

É de lembrar que este fenómeno não é novo. A Crise Económica de 1929, que, na ocasião, acirrou o surgimento de regimes nacionalistas exacerbados e gerou a intervenção estatal na economia, maior proteccionismo dos mercados nacionais e, em consequência, a redução do comércio internacional, emergindo o mundo em Regimes Totalitários, na Europa a 2ª Guerra Mundial e, consequentemente, a emergência do comunismo no mundo, são exemplos disso. Desta vez, queremos acreditar que não surgirão regimes totalitários tal como aconteceu depois da crise económica de 1929, onde os nacionalistas alemães culpabilizavam o liberalismo económico sobre a crise.

Mas uma luz no fundo do túnel indica-nos que, da forma como a China, a Rússia e Cuba conseguiram controlar a doença, a liderança mundial poderá passar para aqueles cantos, por um lado e,por outro, na actual crise pode-se identificar tendências semelhantes de retracção económica, redução do comércio internacional, contenção do processo de globalização e interdependência mundial com o agravamento da guerra comercial, particularmente entre os Estados Unidos da América (EUA) e a China.

Por fim, há uma possível potencialização de guerras entre nações. Lembremos do discurso de Donalt Trump e do seu Secretário de Estado Mike Pompeo que tendem a atiçar a tocha para uma guerra sem precedentes. Daí que, a nível multilateral, a crise pode ser lida como um apelo a mais cooperação ou, inversamente, afastar ainda mais os dois centros do poder (Europa e EUA).

1.Mensagem de apelo dos apresentadores do canal 9 da ZAP.
2.Discurso do presidente norte-americano DonaldTrump, no início da pandemia.
3.Discurso do presidente norte-americano DonaldTrump. Segundo ele, os serviços secretos já o informaram sobre o acto

UNIVERSIDADE LÚRIO
FCSH

CENTRO DE LÍNGUAS MUHIPITHI

APRESENTA

CECROI

CURSOS BÁSICOS DE INGLÊS E FRANCÊS 2020

PERÍODO LABORAL E PÓS - LABORAL

2 TURMAS

30 VAGAS DISPONÍVEIS POR CURSO

DURAÇÃO 4 MESES

CANDIDATURAS ABERTAS!

4 - 28 DE MARÇO

FORTALEZA DE S. SEBASTIÃO (CECROI) E FCSH

INSCRIÇÃO: 490 MTS

COM DIREITO AO REGULAMENTO

+ CADERNO PERSONALIZADO

+ ESFEROGRÁFICA PERSONALIZADA

30 DE MARÇO INÍCIO DE AULAS!

PROPINA: 1000 MT/MÊS

4000 MTS - NIÍVEL